

Professor: Erivaldo Cavalcanti Borges Pimentel

CEF 01 do Cruzeiro – Brasília/DF

Título

Cine com ciência: luz, câmera... Educação!

Resumo

Os aparelhos celulares chegaram e não sairão das escolas. Ao invés de "brigar" com essa tecnologia, proibindo-a nas salas de aula, mais sensato me parece utilizarmos dos celulares fazendo uso desse potencial para motivar os alunos ao aprendizado. Decerto, há várias maneiras de os celulares serem bem utilizados a favor da educação.

Neste documento, apresento minha experiência com os celulares na produção de vídeos **com e para** os alunos de séries finais do Ensino Fundamental. O estudo da linguagem audiovisual propiciou que os jovens criassem vídeos com qualidade, estimulando-os à pesquisa, à autonomia e à organização. Com os vídeos produzidos pelos alunos, realizamos o "Festival CURTA um CURTA", que mobilizou toda a escola e serviu como seletiva para o Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília, evento em que nossa escola se destacou pelos vídeos apresentados.

Nossos erros, acertos e correções de rumo na implantação da metodologia adotada para o estudo sistemático da linguagem do cinema são descritos neste texto. Espero que seja uma colaboração e um estímulo para que professores, de variadas disciplinas, também possam desfrutar dos celulares e, junto aos alunos, promovam o diálogo, o protagonismo, à participação.

Planejamento

"O cinema é um modo divino de contar a vida." *Frederico Fellini*

Resolvi iniciar um trabalho com meus alunos depois de percebê-los desmotivados na escola. Desatenção, desunião, pouca autonomia e desinteresse eram evidentes. Para complicar, os alunos se mostravam muito motivados quando dispunham de seus telefones celulares (muito mais que telefones, diga-se!) e esses aparelhos, tão motivadores para os alunos, eram abominados por vários professores. Tanto que, na escola, por amparo legal do Governo do Distrito Federal, os aparelhos são recolhidos no início da primeira aula e devolvidos no final da última. Fazer do "malquisto" aparelho celular um instrumento tecnológico a serviço da aprendizagem foi nosso desafio.

Chamamos o projeto de Cine Com Ciência: Luz, Câmera... Educação!. Nossa experiência com alunos do Ensino Médio, em 2011, quando do doutoramento, mostrou evidências muito interessantes quanto à utilização dessa metodologia entre jovens. Na época, produzimos um curta-metragem que envolveu quinze professores e uma centena de alunos. Com o curta *100% completamente bem resolvida* (https://www.youtube.com/watch?v=jSrAMDZN_wk), cruzamos o Atlântico e o apresentamos na Conferência Arte, Cinema e Educação, em Avanca, Portugal. No evento, ao dialogarmos com professores de 24 países, constatamos que, simultaneamente, muitos trabalham de forma similar a produção audiovisual em suas escolas. Em 2016, a novidade do nosso projeto seria um recorte consubstanciado na aplicação desse método com pré-adolescentes. Os alunos estavam desejosos e motivados com a novidade e os resultados se mostraram de extrema pertinência. Éramos talvez uma das poucas escolas de Ensino Fundamental do planeta a experienciar um estudo sistematizado da linguagem audiovisual. Estávamos inovando e usando dos celulares para estimular nossos alunos, meninos de 11 a 14

anos, à criatividade e ao aprendizado, além de encontrar ressonância com o estabelecido nas diretrizes propostas no Plano Nacional de Educação, na medida em que buscávamos a melhoria da qualidade da educação, investindo na "promoção humana, científica, cultural e tecnológica" em nossa escola. Esperávamos que nossos alunos, ao estudarem a linguagem audiovisual, fossem capazes de produzir vídeos cujos temas versassem sobre assuntos relacionados ao universo juvenil e também a conteúdos das demais disciplinas escolares.

O Projeto Cine Com Ciência: Luz, Câmera... Educação! passou a fazer parte do Projeto Político Pedagógico da escola e, nas aulas, aplico as reflexões pedagógicas do professor Paulo Freire (1). Em alguns momentos, vi-me, na prática, experienciando a educação dialógica freiriana, a qual conchama os professores a interagirem com seus alunos, numa perspectiva de horizontalizar a relação e, assim, também, aprenderem com eles. Nos diálogos, pude notar quanto nossos alunos são consumidores de produtos audiovisuais, e, diferentes de mim, que só vi uma TV preto e branco quando já tinha nove anos, meus alunos nasceram iluminados por telas de computadores, por grandes TVs com imagens coloridas, por *tablets* e *smartphones*. Apesar de tenras idades, também me ensinaram e ensinam. Além de referências de filmes e seriados, com eles aprendi, por exemplo, a editar vídeos no próprio celular. Lembro-me de um dia que projetei na tela a plataforma Kadenlive (2) e mostrava que, com o mouse, poderíamos marcar todos os arquivos a serem enviados para a edição. Em determinado momento, um aluno falou: "Professor, aperta o Control A!". Segui sua orientação e vi que se tratava de um atalho que selecionava tudo inserido na pasta de uma forma ainda mais rápida.

Na área técnica audiovisual, nos baseamos no cineasta alemão David Beal, que, na década de 70, descreveu, em livro, sua prática com câmeras Super 8, tecendo valiosas lições para os cineastas amadores. Também as narrações da Profa. Dra. Aída Marques, professora de cinema da Universidade Federal Fluminense - UFF, e suas "Ideias em Movimento", apresentaram dicas sobre a linguagem cinematográfica e, em especial, seu uso nas produções brasileiras. Animamo-nos com uma citação de Beal, que diz:

"Um professor ocupa posição especial. Tem oportunidades inigualáveis de dirigir filmes feitos por jovens, seja como atividade extracurricular, seja como projeto integrado no horário de aulas. Minha opinião, depois de muitos anos de experiência na produção de filmes escolares, é que este pode ser um trabalho extremamente valioso e frutífero. Envolve os alunos da classe e integra todos os departamentos da escola. Dá aos alunos uma clara visão desse vital veículo de massa e desperta, de maneira notável, as faculdades críticas dos jovens." (BEAL, 1974, p. 90/91).(3)

(1) Paulo Freire, patrono da Educação Brasileira, em maio deste ano completou 20 anos de seu falecimento.

(2) Programa de edição de vídeos que faz parte da plataforma Linux (sistema operacional gratuito), montada pelo MEC, nas escolas da Educação Básica.

(3) Quando o cineasta David Beal fez essa citação (em 1974), produzir filmes ainda era algo caro e para poucos, e mais difícil ainda em escolas de um país em desenvolvimento. Hoje, a realidade é que a tecnologia para captação de imagens e sons encontra-se nas mãos de grande parte dos alunos, através de seus celulares.

Diagnóstico

Nossa escola fica na periferia de Brasília e é uma das mais antigas do DF, com 51 anos. Os estudantes têm realidades socioeconômicas diversas, mas, em sua maioria, são da classe média baixa.

Realizei um diagnóstico durante as duas primeiras aulas quando, num diálogo com os alunos, percebi que tinham significativos conhecimentos prévios sobre a arte e a técnica do cinema. Não foi surpresa constatar que conheciam vários elementos da narrativa audiovisual, apesar de desconhecerem seus nomes técnicos, afinal, são consumidores de cinema, TV e Internet. Os alunos já haviam assistido centenas de filmes, novelas, clipes musicais, seriados e comerciais.

No levantamento que fiz, constatei que 40% dos alunos possuíam seu próprio telefone celular e 95% deles, em algum momento, já haviam utilizado de celulares para filmar. Quando perguntei o que haviam filmado, a grande maioria respondeu que filmou coisas sem muita importância e que era só para ver como o aplicativo funcionava. Com certa insistência alguns mostraram gravações que haviam feito e que ainda estavam mantidas na memória do celular. Nas filmagens, momentos de descontração junto a familiares e, particularmente, com os amigos. Registraram atividades desportivas e brincadeiras de variados matizes. Isso foi importante, pois evidenciou a curiosidade acerca da ferramenta "filmar", disponível nos celulares. Esse levantamento me deu uma boa expectativa quanto às possibilidades que nosso estudo poderia apresentar. Havia, na escola, um terreno fértil (vontade dos alunos), havia ferramentas apropriadas para o cultivo (os celulares, o projetor), faltava o plantio com técnicas apropriadas (estudo sistemático da linguagem audiovisual); se utilizássemos as técnicas de forma apropriada, haveríamos de colher bons frutos (vídeos com qualidade em imagem, som e narrativa).

Quando do diálogo, apresentei perspectivas e possibilidade e senti dos alunos uma grande receptividade à proposta. Vi como adequado, então, aplicar uma metodologia em que aprofundássemos a linguagem cinematográfica e utilizássemos dos celulares para gravar imagens e sons e, posteriormente, também editá-las, compondo um vídeo, que fizéssemos esse estudo com a dedicação e o rigor necessários para que as ideias dos alunos fossem valorizadas, suas potencialidades criativas aflorassem e o produto final – o filme (4) deles – fosse relevante.

Quando do diálogo com a direção da escola, o apoio foi total. Senti-me encorajado a prosseguir com a proposta e a direção aceitou a condição de que os celulares, durante as aulas de cinema, fossem devolvidos aos alunos para que pudessem ser explorados em suas potencialidades, utilizando dos aplicativos existentes nos *smartphones*, particularmente aqueles que transformam o aparelho celular em uma filmadora, em um gravador digital de sons e em uma mesa de edição de vídeos.

No diálogo com os professores, a receptividade também foi grande. Acharam a proposta interessante e inovadora. Alguns se dispuseram, inclusive, a colaborar com o que fosse necessário, atuando até como atores nos filmes produzidos pelos alunos. Nesse aspecto é importante citar que, de fato, apesar da timidez de alguns, vários foram os professores que compuseram os elencos das histórias criadas por nossos jovens roteiristas.

O diagnóstico junto aos alunos, direção e professores, serviu para nos fortalecer a ideia de que poderíamos ser bem-sucedidos. Tínhamos em mente desenvolver uma atividade de inovação pedagógica com o uso de uma tecnologia contemporânea, dia a dia mais barata e, por conseguinte, muito presente entre os jovens – o aparelho celular. Se desse certo, faríamos vídeos aplicando as técnicas de gravação, só que cada vídeo deveria ser pensado com esmero em todos os detalhes de sua produção e, assim, ao final, haveria de ser diferenciado pelo bom uso dos enquadramentos cinematográficos, movimentações de câmera, montagem e boa qualidade narrativa.

Ter realizado um diagnóstico me fortaleceu a convicção de que deveríamos começar com um resgate histórico do que representou a busca do homem em eternizar imagens e sons. Haveríamos de, em doses homeopáticas, estudar a evolução da linguagem do cinema e a obra de vários de seus colaboradores. Assim, em nossa escola pública, o universo juvenil; as ideias, sonhos e questionamentos dos alunos seriam eternizados num construto humano que hoje representa o que existe de mais sofisticado em termos de comunicação – um vídeo digital.

(4) Há uma diferença entre um filme e um vídeo. Rigorosamente, um filme é uma produção com película de celulóide e um vídeo é uma produção com gravação digital. No entanto, os termos passaram a ser utilizados como sinônimos e, hoje, a maioria das grandes produções fílmicas já são realizadas por meio digital.

Desenvolvimento

Com o apoio da direção da escola, montamos uma sala ambiente. Nela, fizemos um investimento para o qual contamos com a colaboração de comerciantes da cidade. Como contrapartida à ajuda, colocamos a logomarca de suas empresas nas peças que produzimos para nosso Festival CURTA um CURTA (folhetos, cartazes, faixas, banner e troféus). Conseguimos, assim, criar uma sala apropriada para projeções e produções cinematográficas que, quando necessário, fica bem escura. Nela, junto aos computadores, colocamos caixas de som, tela de projeção, um projetor e cartazes de grandes produções fílmicas decorando as paredes. O ambiente diferenciado foi um atrativo à parte para melhor participação dos alunos. Já nas primeiras aulas de cinema (que duraram por todo o ano letivo), estimulamos os alunos a trazerem seus celulares para a escola. Em nossa escola, os aparelhos são recolhidos, no entanto, no momento das aulas de cinema, os pegamos de volta e os devolvemos aos alunos. Acerca do uso dos celulares, foi importante ter feito um "trato" com os alunos, mostrando como e quando poderiam utilizá-los. Iniciamos nosso trabalho mostrando a história da humanidade na busca por registrar imagens em movimento. Minha escolha em mostrar esse longo processo histórico visou evidenciar o esforço de tantos que se dedicaram à causa e, particularmente, valorizar o que hoje dispomos como tecnologia capaz de gravar imagens e sons. Mostramos, por exemplo, que homens e mulheres, na pré-história, já pintavam em pedras imagens expressando movimentos de animais e pessoas, como as capivaras do símbolo do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, desenhos esses que podem ter sido realizados há 12 mil anos. Mostramos a primeira fotografia da história, de Joseph Niépce, realizada em 1826; a evolução das máquinas fotográficas; as experiências Eadweard Muybridge com fotos sucessivas, mostrando o galopar de um cavalo (1878); o canhão fotográfico de Étienne-Jules Marey (1882); o cinetoscópio de Thomas Edson (1891) e, finalmente, o cinematógrafo dos irmãos Lumière. Mostramos o primeiro filme comercial dos irmãos Lumière – A chegada do trem à estação Ciotat (<https://www.youtube.com/watch?v=VScyygFlqg8>) – com seus 56 segundos, e que marcou, em Paris, o nascimento do cinema, na noite do dia 28 de dezembro de 1895. Ao pedirmos para que comentassem sobre esse filme, os alunos citaram o fato de as imagens serem em preto e branco, de o filme ser mudo, dos movimentos serem "meio esquisitos" (5) e acharam curiosa a moda da época (mulheres e meninas com longos vestidos, homens com bigodes, chapéus e bengalas).

Dediquei uma aula dupla à obra do genial Georges Méliès. Vários alunos já o conheciam pelo filme *A invenção de Hugo Cabret*, que lhe prestou uma homenagem. Esse mágico ilusionista francês é conhecido como o "pai do cinema arte" por levar às telas a magia, a ficção, o sonho, os cenários, os efeitos especiais e a comédia. Projetei vários pequenos filmes de Méliès, e os meninos foram instigados a explicar como ele fazia seus truques e efeitos especiais. Valorizaram, assim, a genialidade de Méliès, que executava tais proezas no início do século XX. Nesse dia, os

garotos foram convidados a, na sala de aula, realizarem gravações inspirados em Georges Méliès. Não poucas foram as produções com efeitos de sumiço de pessoas e coisas. O *link* que segue mostra uma das experimentações (<https://www.youtube.com/watch?v=Pvwbyns7sJY>). Para tanto, eles davam uma pausa na gravação, mantinham a câmera estática, tiravam ou substituíam coisas/pessoas dos lugares e, em seguida, tornavam a gravar com a câmera na mesma posição. Quando da projeção das cenas, nossos alunos, a exemplo dos filmes de Méliès, levaram os espectadores a visualizarem um *show* de "mágica" com sumiços e aparecimentos de objetos e pessoas. A projeção dos vídeos feitos pelos alunos promoveu risos e descontração na turma. Comprovei, pela reação dos alunos, a afirmação de Norlan, professor e cineasta: "Ver-se na grande tela é muito melhor do que ver os astros de Hollywood!"

Em outra aula, pedi que, em grupo, saíssem para filmar e nos trouxessem o filme para análise. De propósito, não dei tempo para que se reunissem e elaborassem o que gravar. O resultado, projetado na tela, mostrou várias imagens deitadas e, quando horizontalizadas, ficavam sem o aproveitamento total na tela (havia filmado com o celular na vertical). Por outro lado, as histórias gravadas eram pouco interessantes; em grande parte, o tema violência esteve evidenciado em várias gravações (https://www.youtube.com/watch?v=Zseo_7RrU9k). Antes de refletir sobre o que seria essencial para melhorar as produções, resolvi mostrar um filme biográfico de um ícone da sétima arte.

Foram necessários dois encontros para assistirmos ao longa metragem *Chaplin*, de Richard Attenborough, cujo protagonista Robert Downey Junior, que representou Charles Chaplin, é conhecido dos meninos por, atualmente, representar o Homem de Ferro, nas telas de cinema. O filme mostra a triste história de vida do menino Chaplin que, pobre e abandonado pelo pai, se vê se aos quatro anos levado a subir num palco e ajudar sua mãe demente a concluir uma apresentação musical. Em seguida, o filme mostra a ação do jovem Chaplin, obstinado ator, produtor, roteirista e diretor de cinema e sua carreira de sucesso no cinema. Os alunos constatarem que uma grande obra cinematográfica é pensada com esmero em todos os detalhes; que o preciosismo de Charles Chaplin o fazia repetir a mesma cena, dezenas de vezes, se necessário, até conseguir a mais expressiva representação. Quando abrimos o debate, ouvi de alguns alunos que, se o tempo voltasse, haveriam de planejar melhor os vídeos que fizeram na experimentação realizada dias atrás. Este é um ponto crucial a ser trabalhado e é quase uma característica juvenil: nossos alunos gastam pouco tempo na pré-produção de suas criações, pouco planejam e querem já sair gravando. Assim, quando gravam, percebem que poderiam fazer melhor.

Nas produções que se seguiram, tentei conscientizar os alunos da necessidade de planejar mais o que filmariam, que investissem maior tempo no desenvolvimento de um roteiro mais detalhado. Isso fez a diferença nas produções dos alunos que foram premiadas naquele ano.

Aproveitamos cenas e enquadramentos de alguns filmes para mostrar para os alunos algumas características da linguagem do cinema. Mostramos que, dependendo do que o diretor queira mostrar, a câmera enquadra as personagens de forma diferenciada: às vezes, só o rosto (*close*), às vezes, da cintura para cima (plano médio), às vezes, uma cidade é mostrada ao longe (grande plano geral) etc. Assim, os dez planos de enquadramentos foram debatidos e diferenciados em sala de aula. Distribuí para os alunos uma folha resumo com os diferentes enquadramentos. Como trabalho bimestral, os alunos foram convidados a, em grupos de até seis alunos, realizarem vídeos, mostrando os planos de enquadramentos e as angulações de câmera (<https://www.youtube.com/watch?v=lnDC-8mSFdU>).

A cada bimestre, tivemos, de acordo com o conteúdo, aulas teóricas e práticas. A projeção de curtas metragens, de comerciais, de trechos de filmes e de novelas serviram como exemplificação das técnicas da linguagem cinematográfica. Muitos curtas, de variados estilos,

foram mostrados e estudados com os alunos. Mostramos que, dependendo do ritmo das cenas, rapidamente os planos são modificados e que a câmera pode (e deve) fazer movimentos. Na linguagem cinematográfica, vários movimentos de câmera passaram a receber nomes. No estudo, mais uma vez, aproveitamo-nos de cenas de filmes comerciais para mostrar os diferentes movimentos de câmera. Assim, os alunos passaram a apreender termos novos, como: panorâmica, *tilt*, *travellings*, *zoom in*, *zoom out*, *plongée*, *contre-plongée* e chicote. Nessas experimentações, os alunos fizeram a edição dos vídeos nos próprios celulares. Para isso, baixaram aplicativos como: VivaVideo, VideoShow e Powerdirector (https://www.youtube.com/watch?v=_gA07E5-HOY).

Certo dia, ouvi de um aluno: "Sabe, professor, hoje, quando eu assisto um filme, fico lembrando dos movimentos de câmera e dos enquadramentos. Fico vendo como se fosse o diretor do filme!". Achei o comentário muito interessante, pois o aluno se colocava não só como um espectador passivo, mas tinha outras percepções sobre a obra, como a investigar/descobrir seu processo de criação.

No terceiro bimestre, trabalhamos o tempo fílmico: a câmera lenta, a câmera acelerada, a dilatação e a contração do tempo. Assistimos cenas de variados filmes mostrando como se manipula o tempo a favor da narrativa do filme. Dissemos: "Somos criadores capazes de mudar o tempo num filme. Podemos esticar alguns segundos, transformando-os em minutos, ou ainda podemos dar saltos de dias, anos e até milênios em alguns segundos". Mostramos, entre outras, a cena do filme *2001 – uma odisseia no espaço*, em que o diretor Stanley Kubrick, de forma poética, provocou um salto de milhares de anos no filme, com a famosa cena de um osso lançado para cima por um homem das cavernas. Ao subir, o osso branco tem sua imagem fundida a imagem de uma nave espacial de formato similar e o espectador salta no tempo para dentro de uma nave espacial.

Naquele ano, a direção da escola adquiriu um tripé para câmera fotográfica/filmadora e demonstramos seu funcionamento na sala de cinema. Mostramos como, quando e por que realizar filmagens com ou sem o tripé. Os alunos manipularam o tripé, experienciando seu funcionamento. No debate, citaram cenas de filmes em que a câmera na mão dá uma melhor ideia na narrativa. Em outros momentos, o tripé parece fundamental.

Em duas aulas, projetamos *Saneamento Básico, O Filme*, de Jorge Furtado. Os alunos riram e se identificaram com as personagens da trama. Nessa comédia, várias pessoas haviam se mobilizado para realizar um vídeo de ficção no povoado em que viviam. A elaboração da história, definição de personagens, roteirização, custos de produção, trilha sonora e exibição são abordados nesse metafilme (6). Nesse bimestre, aprofundamos duas formas de descrição de um filme: a sinopse e o roteiro técnico. Como atividade, pedimos que cada aluno escrevesse uma sinopse, em até dez linhas, de uma história que eles julgassem relevante e possível de ser filmada. Depois, cada aluno foi convidado a ler sua sinopse. As que os alunos julgaram serem mais interessantes e exequíveis tornaram-se coletivas e os alunos foram desafiados a, em grupo, construir seus roteiros técnicos. Para isso, trabalhariam não só na sala de aula, mas em casa, interagiriam em grupo no Whatsapp, *e-mails* etc, até a conclusão do roteiro. Sempre que possível, após cada aula teórica, permitíamos que os alunos experimentassem seus celulares com o rigor de quem busca qualidade nas gravações. Cobrávamos, assim, que, a cada gravação, existisse um toque mais profissional na produção. Teriam que dividir funções dentro de todo processo, desde a elaboração de roteiro, passando pelo elenco, direção, gravação e montagem/edição do vídeo. Com isso, virtudes como protagonismo, autonomia, liderança, organização, união, criatividade e capacidade de síntese foram estimuladas.

Fomos abordando os conteúdos de forma sistematizada num crescente não de dificuldade, mas de novas informações e maior rigor na produção dos vídeos. Para cada ensaio de vídeo que os alunos faziam, uma cobrança maior quanto ao primor no produto audiovisual que fizessem. É curioso, mas não tive maiores dificuldades em dialogar com eles sobre esses assuntos que, geralmente, só são vistos no curso de graduação em comunicação e cinema.

Na elaboração dos roteiros, sugerimos que os garotos buscassem a colaboração da professora de Português que, prontamente, se dispôs a nos ajudar. Assim, também o vocabulário e a escrita dos alunos passaram a ser trabalhadas. Como produziam juntos no computador, era comum, ao digitarem, ouvir algo do tipo: "Oh, Yasmin, esperança é com 'c' cedilha!"

Alguns alunos demonstraram ser a criação de roteiros seu ponto forte. Lembro-me do aluno Vinícius, de 13 anos, quando solicitei uma sinopse de dez linhas sobre uma história que envolvesse a conservação e racionamento de água (tema do segundo Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília), ele, já na aula seguinte, nos trouxe um roteiro de várias páginas. Como a letra estava difícil de entender, pedi que ele nos contasse a história. E que história! O texto logo virou roteiro, envolveu a turma inteira e muitos alunos de outras salas atuaram como figurantes. O vídeo "Salve a Água, Salve a Vida, Salve o Mundo!" nos rendeu dois troféus no Festival (<https://www.youtube.com/watch?v=8rUi2Qwa2Aw&t=24s>).

Já a Ana (11 anos) nos mostrou, num texto, uma linda e visionária lição: em sua história, a Agência Espacial Brasileira enviaria para Marte uma tripulação exploratória com três astronautas (meninas). Ana e seus colegas usaram da técnica de *Stop Motion* (7) para realizar o vídeo e legaram uma grande lição para os grandes estúdios cinematográficos, visto que, na ficção da Ana, não há guerras nem brigas; há sim, um grande acordo de paz universal entre os terráqueos e os marcianos que, ao final, prometeram também nos visitar (<https://www.youtube.com/watch?v=AAyGhbMFqd0&t=54s>).

Com os roteiros técnicos já finalizados, partimos para as gravações e, assim, outras valiosas lições. Alguns filmes que estavam sendo gestados tiveram acidentes de percurso. Planejava-se, por exemplo, fazer várias cenas num dia e, quando muito, concluía-se um pequeno trecho do roteiro. Com isso, os alunos experimentavam o que é uma constante no "set de filmagem": o ritmo das gravações costuma ser muito menor que o que se planeja. É preciso também ter liderança e paciência com o grupo. Lembro-me do aluno Luan, 14 anos, reclamando que estava desanimado com seu filme, porque "ninguém o levava a sério!" Ele estava tentando filmar e seus colegas não se empenhavam. Era uma filmagem na quadra de esportes. Ele queria desistir! Marcamos um novo dia para as gravações e o fato de eu estar junto, a acompanhar e valorizar as gravações, fez toda a diferença. Luan concluiu o filme e ganhou o Troféu Cruzeiro de melhor vídeo dos oitavos anos. Seu Curta *De perto... ninguém é normal!* abordou, com muita maturidade, o *bullying* e o preconceito de identidade sexual (<https://www.youtube.com/watch?v=c6PV8yLwV6I>).

Há, no entanto, alunos que se organizaram e, surpreendentemente, apresentaram bons vídeos sem que fosse necessária minha colaboração direta, como o vídeo *Ao Pé da Letra* (<https://www.youtube.com/watch?v=BEhjRdAXLOs>) em que, com bom humor, alunos do oitavo ano, brincaram com expressões da língua portuguesa e inseriram, inclusive, efeitos especiais.

No terceiro e no quarto bimestres, fizemos a montagem dos alguns filmes. Esse foi um tema que não aprofundi na intensidade que queria. Mesmo assim, tentei algumas aulas utilizando dos computadores que dispúnhamos na escola. Exploramos o *software* Kadenlive, da plataforma Linux, mas os computadores "travavam" e perdíamos o que estava sendo editado. Por sorte, alguns alunos já realizavam edições em seus próprios celulares ou nos computadores em suas residências. Àqueles vídeos que tive que montar, os fiz com o *software* Corel Vídeo Studio X7,

instalado em meu notebook. Acerca das edições de vídeos, o maior aprendizado foi meu, visto que, na época, não fazia ideia como funcionavam os aplicativos para edição em celulares. Entretanto, vários alunos já utilizavam o VivaVídeo com desenvoltura e, no diálogo, os fiz saber de minha limitação. Não faltou quem se dispusesse a me ajudar. Lembro-me da aluna Ana Carolina, que meu deu explicações e senti sua alegria ao me mostrar o que sabia: "olha, professor, o senhor abre o arquivo aqui... corta aqui... insere uma música aqui... usa um efeito desses aqui e olha como fica!". Que agilidade! Eu fiquei surpreso olhando seus dois dedinhos polegares deslizarem com extrema rapidez sobre a tela do celular e, admirado, constatei como esses garotos e garotas são ágeis ao aprenderem uma tecnologia!

Percebi, ao editar os vídeos, que alguns apresentavam uma deficiência – o áudio. A tecnologia dos celulares, dia a dia, está mais aprimorada, no entanto, o avanço de seus aplicativos se dá de formas diferentes. Na gravação de um vídeo, por exemplo, que é um produto audiovisual, o visual vai muito bem – a cada novo lançamento, uma câmera com melhor resolução de imagem é disponibilizada. Já o áudio, pouco avança. Assim, para driblar essa deficiência, sugerimos que os alunos utilizassem outros telefones celulares durante as gravações. Estes funcionariam com o aplicativo para gravação de áudio e ficariam próximo aos atores, mas sem que fossem "vistos" pelo celular que gravaria as imagens. Assim, quando da edição, poder-se-ia aproveitar o áudio dos celulares mais próximos, combinando-os com as imagens do celular que faria as gravações das imagens.

No quarto bimestre, também trabalhamos outros aspectos de uma produção cinematográfica. Mostramos que quanto mais complexa a obra, mais colaboradores se dedicam a sua realização. Assim, debatemos com os meninos a função de muitos profissionais como: continuísta, contrarregra, iluminador, roteirista, técnico de som, cinegrafista e diretor.

Vídeos prontos, veio-nos o ponto culminante de nosso trabalho: o Festival CURTA um CURTA – a exposição das obras da sétima arte criadas pelos nossos alunos. Para isso, nos reunimos no auditório da biblioteca pública da cidade, além de nossos alunos, pais e convidados. Para esse dia de festa, conseguimos patrocínio de um supermercado e, assim, viabilizamos a distribuição de pipoca e refrigerantes. Para cada vídeo, um anúncio oficial. Havíamos, antecipadamente, convidado três especialistas em cinema que se juntaram a três professores da escola e formaram uma comissão julgadora. Eles escolheram os três melhores vídeos de cada série e guardamos segredo do resultado.

O Festival CURTA um CURTA foi dividido em três dias, um dia para cada série. No primeiro dia, os alunos dos sextos anos; no segundo dia, os dos sétimos e, no terceiro, os dos oitavos. Assistiram a todos os vídeos, só que, em cada dia, após a apresentação dos vídeos, só os referentes àquela série foram premiados. Os vencedores subiram no palco, receberam a aclamação do público e o Troféu Cruzeirito. Nossos diretores, produtores e artistas sentiram o glamour de um grande Festival.

NEM TUDO FORAM FLORES...

É importante citar que a inquietude, característica pré-adolescente, foi para nós uma dificuldade a ser trabalhada. Quando os alunos eram liberados para realizarem suas filmagens fora da sala, expansivos, muitos agiam como se só eles estivessem na escola. Por vezes, fomos chamados à atenção por outros professores, visto que "o barulho que os alunos da aula de cinema produziam atrapalhava as aulas de outros componentes curriculares". Contornamos essa dificuldade estabelecendo horários e locais apropriados para a realização das gravações, que passaram a ser no pátio da entrada da escola e na área próxima às quadras de esportes; longe, portanto, das salas de aula. Quando alguma gravação precisasse acontecer numa sala de aula, ali eu estaria a acompanhar para minimizar problemas.

Também tive dificuldades com a diversidade de interesses dos alunos. Consegui, com a proposta, atingir um grande número de alunos, envolvê-los na participação, motivá-los ao trabalho coletivo, mas alguns (poucos, felizmente), por mais que procurasse motivá-los, demonstravam desinteresse, indiferença, até certo desprezo com a escola, comigo e com seus colegas. Isso me reforçou a ideia de que ação dialógica pressupõe a disposição do aluno de também se colocar aberto ao diálogo. Se ele, por vários motivos, não se predispõe a participar, nosso esforço torna-se inócuo. Assim, apesar da novidade tecnológica e metodológica, não consegui atingir alguns alunos e, ali me lembrei de outra lição do professor Paulo Freire, quando explicitou no livro *Medo e Ousadia – O cotidiano do professor* um de seus grandes desafios, ao afirmar que: "A questão, para mim, é como fazer com que os alunos não durmam, porque eles nos ouvem como se estivéssemos cantando para eles." (FREIRE, 1986, p. 53).

Apesar das evidências positivas que o projeto apresentou, não vejo o uso do celular para produção audiovisual (nem qualquer outra técnica individualmente) como solução única para os problemas da educação. Na realidade, a produção de vídeos com e para os alunos é mais uma boa possibilidade a se somar a outras tantas, buscando envolver nossos alunos num oceano de motivações que os levem a mergulhar na pesquisa, na leitura e na criatividade, estimulando-os ao protagonismo e à autonomia em suas produções.

Acho importante salientar que, qualquer que seja a metodologia a ser trabalhada, é essencial que nela se tenha como ingredientes: o diálogo na sala de aula, o amor à causa e o bom humor dos professores. Mais do que o que falamos, motivamos nossos alunos pelo que, verdadeiramente, somos, fazemos e como agimos. O melhor dos projetos é fadado ao fracasso se o professor que o conduz demonstrar enfado e mau humor perante seus alunos.

(5) Na época, eram projetados 16 fotogramas por segundo (16 fps). Hoje o cinema projeta 24 e os vídeos digitais 30. Isso dá maior uniformidade e suavidade aos movimentos.

(6) Filme que trata da produção de um filme.

(7) Técnica realizada com sequência de fotos com a animação de modelos reais em diversos materiais, no caso da Ana, ela montou cenários com isopor e as personagens com massinha de modelar.

Avaliação

Aprendizagem

Utilizamos alguns recursos para avaliarmos nosso projeto. Além da observação direta da participação de cada aluno, realizamos "rodas de bate-papo" bimestrais e ainda resgatamos a arguição oral como forma avaliação.

Momentos antes de iniciarmos a arguição oral, revisamos o conteúdo. Acredito ter sido uma boa estratégia, pois, naquele momento, todos sabiam que dentro de alguns instantes haveriam de responder oralmente às minhas perguntas; dessa forma, mantiveram-se com a atenção redobrada e me coloquei a lhes tirar o máximo de dúvidas. Meu objetivo era que todos identificassem, nas cenas apresentadas, os termos técnicos da linguagem do cinema. Interessante perceber que, como nunca, eu tive a atenção deles. Depois, três alunos por vez, sentaram-se próximo à minha mesa e, vendo na tela do computador a reprodução de cenas de filmes, identificavam características dessas cenas, como nome dos planos de enquadramentos, angulações e movimentos de câmera (8). A grande maioria se saiu muito bem. Quando não eram bem sucedidos, os dois outros alunos que estavam juntos respondiam à pergunta. Dessa forma,

os termos técnicos eram lembrados. Àqueles que demonstraram dominar o assunto serviram-me como monitores e tinham a missão de ajudar os poucos alunos que erravam as respostas. Depois, uma nova arguição oral foi realizada, como recuperação, para os que precisavam.

No diálogo com os alunos, constatamos que esse projeto também serviu para a permanência de alguns na escola e para a volta de outros que, havendo saído, pediram aos seus pais para que retornassem, elogiando a disciplina e a escola: "Ah, só aqui tenho aulas de cinema!", disse-nos um garoto.

No final de cada bimestre, promovemos um "bate-papo" em que os alunos foram instados a criticar o curso e minha forma de ensinar. Foi um momento em que dividi com os garotos a difícil responsabilidade de avaliar. A partir do que dissessem, poderíamos fazer ajustes nos bimestres seguintes. Acredito ter sido mais um procedimento importante de análise do curso e, nesses momentos, com o diálogo, os meninos costumam ser bem críticos e manifestam opiniões, percepções e expectativas. Em várias coisas, eles demonstraram opiniões semelhantes: Elogiaram a forma como o conteúdo estava sendo apresentado, as ações práticas, os filmes escolhidos e os debates que os sucediam, o fato dos celulares voltarem às mãos deles.

A maior divergência, no entanto, se deu por algo que já faço há décadas, em minha sala de aula, e que achei que seria mais um consenso elogiável – a pertinência da "Mensagem do Dia". Trata-se de um momento de reflexão que provoço nos primeiros minutos da aula, antes de iniciar o estudo da linguagem audiovisual. Como tenho um encontro com aulas duplas em cada turma, planejei que no início de cada aula narraria histórias de cunho ético-formativas. Nesses minutos, esforço-me sendo um contador de histórias, às vezes mudando a entonação de voz e dando certo suspense no narrar. São mensagens que encontro na Internet, várias em forma de fábulas, e que trazem provocações acerca de uma conduta cidadã e humanitária. Ao final de cada relato, sempre pergunto: E aí? Qual é a moral da história? O que aprendemos com essa mensagem? Algumas mensagens citam a importância da persistência, outras, do apego à verdade, à tolerância, ao respeito, à responsabilidade etc. Já tive turma em que esqueci de começar com esse momento e fui cobrado: "Oh, professor, qual é a Mensagem do Dia?" Chamou-me a atenção o valor que eles atribuíram a essas mensagens; não imaginei que para eles fosse tão relevante. O fato é que alguns alunos elogiaram a proposta e outros a acharam desnecessária. Felizmente, a maioria avaliou como um bom momento da aula.

Acerca dessas opiniões diferenciadas quanto a importância e manutenção das "Mensagens do Dia", aproveitei o antagonismo para afirmar aos garotos que se tratava de uma opção e compromisso que eu tinha com a formação deles. Que há anos não me imputo a responsabilidade de apenas ser um bom "dador" de aulas. Esforço-me por ir além, por educar. Em trinta anos de vivência em escolas, já trabalhei com milhares de jovens. A maioria não sei qual destino traçaram para si, mas alguns soube que se tornaram professores, juizes, médicos e outros, soube que se tornaram traficantes e assassinos.

Com a responsabilidade de quem educa, meu desejo não era só que eles fizessem bons filmes, mas que esses bons filmes pudessem levar uma mensagem formativa para outros jovens, que fossem filmes que valorizassem a cidadania, a ecologia, a vida. Assim, as reflexões das "Mensagens do Dia" tinham por objetivo também inspirá-los a criar roteiros cujos filmes colaborassem na construção de um mundo melhor. Isso, de fato se refletiu nos vídeos produzidos. Lembro-me dos primeiros ensaios de vídeos que os alunos fizeram e a banalidade da violência como tema reiterado; depois, com o estudo e as reflexões, os roteiros se tornaram mais complexos e interessantes. Saber utilizar das técnicas para uma boa narrativa fílmica era pouco, não gostaria que nossos filmes estimulassem à violência, a inveja, o ódio, o rancor. As histórias que os filmes contariam teriam que apresentar alguma responsabilidade social. Quando, nos

filmes, as deficiências e vícios humanos foram abordados, estiveram num contexto de superação dessas mazelas. Trabalhamos para que, ao final da narrativa de cada vídeo, uma possível reflexão dos espectadores fosse acreditar que as relações sociais caminham para um ambiente mais pacífico e harmonioso. Isso para mim é um dos focos de estar em sala de aula. Esforço-me para que meus alunos aprendam não só a linguagem cinematográfica, mas, por ser algo extremamente poderoso (9), que esses garotos utilizem esse potencial para reflexões altruístas promovendo uma cultura de paz. Assim, ao longo dos meses, povoei minhas aulas com dezenas de Mensagens do Dia trazendo reflexões que, se não serviram para inspirar roteiros cinematográficos, que sirvam para que os jovens possam pensar melhor suas atitudes e realizem escolhas mais felizes ao longo da vida.

Mas o principal meio de avaliação de nosso projeto foi o processo e a produção de vídeos dos alunos. Mês a mês, passei a comprovar que nossos pré-adolescentes apreenderam muito da linguagem do cinema. Com o conhecimento do que e como filmar, eles passaram a planejar e já demonstravam certo orgulho em apresentar os vídeos que elaboravam. Dão-me esperanças, inclusive, de que, no futuro, hão de produzir vídeos qualificados, não só em suas vidas acadêmicas, mas quando inseridos no mercado de trabalho.

Percebi que, geralmente, quando de um trabalho em grupo, os alunos que pouco se esforçavam nas atividades eram "dedurados" pelos colegas. Isso me surpreendeu positivamente. Ao chamar o grupo para conversar sobre o andamento dos trabalhos, de forma muito natural e sem muita cerimônia, alguns alunos reclamavam da pouca participação de um colega. Aproveitávamos o momento para falar do potencial de cada um e que o sucesso do trabalho haveria de ser resultado da soma de esforços deles, e que era uma oportunidade fazer bem feito sua parte na equipe.

A jornada para produção de um bom vídeo é complexa e relativamente demorada. Entre a ideia e a projeção do vídeo, há um longo caminho a ser percorrido e grandes oportunidades para que nós, professores, avaliemos o processo. A criação do roteiro técnico, por exemplo, exige dos alunos um profundo trabalho de pesquisa. Num dia, nos computadores da escola, um grupo de alunos estava pesquisando sobre *Aedes Aegypti*: origem, como reproduzem, consequências de uma picada quando infectado, meios de evitar proliferação etc. Os meninos estavam construindo as rimas de um "funk" que haveria de compor o vídeo para participarem do Concurso do MEC sobre o ZikaZero – Concurso Pesquisar e Conhecer para Combater o *Aedes Aegypti*. Eu acompanhava o trabalho que desenvolviam. Em determinado momento, a aluna Fernanda observou: "Olha só! É 'probóscide' o nome do bico do mosquito!" Acharam o nome tão diferente e surreal que trataram de colocá-lo numa das rimas. Nesse concurso do Ministério da Educação concorreram 1.160 filmes. Entre as categorias, foram premiados 27 vídeos das Escolas Públicas de Ensino Fundamental (um para cada Unidade Federativa). Ganhamos o prêmio de Melhor Filme do Ensino Fundamental do DF, com o vídeo "Zim, Zim, Zum... Nick, Nick... Bum!" (https://www.youtube.com/watch?v=mmv--igFD4&list=PLtJqXbfAJg_NLjKy25lsx1eof96zILbk8&index=10). O bom resultado do "Cine Com Ciência" trouxe destaque para a escola. Resolvemos, então, sair dos limites de nosso bairro e participar de outros festivais. Ainda em 2016, a Secretaria de Educação do DF e a Secretaria de Cultura promoveram o "II Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília". Para esse festival, inscrevemos cinco filmes, sendo quatro selecionados. Ganhamos o troféu de "Melhor Filme sobre a Água" e o de "Melhor Ator" com o filme "Salve a água, salve a vida, salve o mundo!", (https://www.youtube.com/watch?v=8rUi2Qwa2Aw&index=6&list=PLtJqXbfAJg_NLjKy25lsx1eof96zILbk8) abordando uma fictícia crise hídrica que pareceu premonitória, visto que hoje o DF para por um processo de racionamento.

No início do projeto, havíamos nos proposto a estudar a linguagem do cinema e que, a partir de um estudo sistematizado, nossos alunos pré-adolescentes pudessem criar vídeos mais elaborados. O resultado que colhemos nos indica que, de forma muito satisfatória, os alunos aprenderam vários detalhes técnicos do audiovisual e a ter maior rigor na realização de suas filmagens.

Como continuidade do projeto, assumi o desafio de reestruturar o curso e criar níveis diferentes de aprofundamento, visto que aquilo que os alunos estudaram no ano passado deve agora, brevemente, ser revisto e novos assuntos da linguagem audiovisual podem ser apresentados. Assim, está em pauta um estudo mais aprofundado sobre o som e suas peculiaridades (captação do som direto, tipos de microfones, som pós-produção, foley etc.), bem como sobre a ideologia presente nas produções cinematográficas, as escolas de cinema e diferenças de abordagens narrativas e edição com *softwares* mais complexos. São desafios que estão colocados. Para mim, ainda há muito a ser estudado na linguagem do cinema e a metodologia que desenvolvi indica que os jovens, em geral, assimilam rapidamente os assuntos e desafios que lhe são propostos. Nosso último filme roteirizado, dirigido e editado pelos alunos teve grande participação envolvendo muitos garotos e professores da escola. O vídeo Green Life (<https://www.youtube.com/watch?v=6DWymHSZoBM>) foi selecionado para o Terceiro Festival de Filmes Curta-Metragem de Brasília e temos esperança que nos traga o prêmio de melhor vídeo do tema "Se é público, eu também sou responsável!"

Acho que muito do sucesso atingido pelo projeto se dá pelas circunstâncias técnico-econômico-sociais que hoje dispomos: 1) os telefones celulares estão mais baratos, se encontram dentro das salas de aula e fazem parte do universo juvenil; 2) as indústrias de celulares têm investido em melhores lentes e *hardwares* para gravação de imagens; e 3) há uma grande variedade de tutoriais na Internet, dando dicas de como gravar e editar vídeos. Isso me leva a prever que, inexoravelmente, os celulares estarão mais presentes no cotidiano das escolas. Por que, então, não utilizar dessa tecnologia de forma para que favoreça a melhoria na qualidade da educação? Vejo como de muita importância que esse debate seja levado às escolas, às Secretarias de Educação, ao MEC, às universidades e instituições que formam educadores, para que aqueles que se tornam professores tenham no currículo disciplinas que versem sobre o universo audiovisual.

(8) Nesse momento, recebíamos a visita do professor Ricardo, doutorando em São Paulo, que pesquisava o uso do audiovisual nas escolas brasileiras. Ele ficou surpreso ao ver na avaliação oral, meninos e meninas de 11 a 14 anos falando coisas do tipo: "Professor, isso é um *travelling* de avanço com câmera alta!".

(9) O vídeo é poderosíssimo instrumento de comunicação na medida em que reúne o que existe de mais avançado para expressar mensagens e ideias.

Autoavaliação

Estou aprimorando as aulas numa perspectiva de lançar um livro didático sobre a linguagem do Cinema para a Educação Básica. Depois de trinta anos ministrando aulas de Física, e agora, ao mergulhar no audiovisual, percebo um vasto campo ainda a ser pesquisado e aprimorado. Para isso, tenho investido em minha formação: em 2016, participei da oficina "Cinema de Bolso", mostrando o potencial dos celulares (*mobile*) na gravação e edição de vídeos. Participei, também, do curso "Nos caminhos do audiovisual" promovido pela Secretaria de Educação do DF. Nesse curso de 180 horas, como trabalho final, dirigi o curta "Deixe o barro secar!", cujo elenco foi formado por professoras e alunos de nossa escola. Em maio de 2017, no Museu da República,

em Brasília, o "Deixe o barro secar!" (<https://www.youtube.com/watch?v=i8Lb5nMp6HE>) ganhou o Troféu LUZ de Melhor Curta pelo Júri Popular, no 7º Festival de Cinema Transcendental, um festival de âmbito nacional. Atualmente, faço um curso de Adobe Premiere, *software* profissional de edição de vídeos. Pretendo continuar mergulhado nessa área da educação que, para mim, ainda está engatinhando nas grandes possibilidades que poderão advir para a escola do futuro. Assim, tenho dialogado com professores e, sempre que possível, ministro minicursos na UnB e em escolas públicas do DF, visando estimular professores e alunos a testarem o grande potencial advindo dessa linguagem que, na minha opinião, se constitui no que existe de mais sofisticado em termos de comunicação, visto estimular dois sentidos que, conjugados, propiciam mais eficazes aprendizados – o visual e o auditivo (10). A comunicação do presente e do futuro será, cada vez mais, realizada através dos vídeos, e a escola deve preparar as gerações para essa realidade.

(10) http://www.din.uem.br/ia/a_correl/iaedu/mnemonic.htm.

Resultados

Nossas produções de vídeos são realizadas por grupos de alunos, assim a interação entre eles é tão estimulada quanto necessária. Costumo dizer para eles que o cinema é uma obra inter e multidisciplinar, uma arte síntese, na medida em que música, literatura, pintura, arquitetura e teatro são componentes de um filme. Como obra coletiva, sugerimos que a equipe de alunos se organizasse para que todos participem.

No mês de dezembro de 2016, os vídeos produzidos foram selecionados para nossa grande mostra: o Festival Curta um Curta, para o qual produzimos um *teaser* com um convite para que os alunos apresentassem seus vídeos no festival (<https://www.youtube.com/watch?v=poo4DN7uC1g&t=1s>). Entre os vídeos produzidos, alguns dialogaram com assuntos abordados em outros componentes curriculares. Assim, foi produzida a ficção *Números Decimais*, que tratou do conteúdo de Matemática (https://www.youtube.com/watch?v=PiR7jY5CpAs&index=9&list=PLtJqXbfAJg_NLjKy25Isx1eof96zLbk8), nessa produção, a música de Luiz Gonzaga deu um colorido especial à narrativa. Em outra produção, tivemos a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais: foi o documentário *É normal ser diferente!* (https://www.youtube.com/watch?v=SOakT2hWloA&index=12&list=PLtJqXbfAJg_NLjKy25Isx1eof96zLbk8), vídeo que apresentou o cotidiano de alunos com variadas necessidades especiais, em nossa escola. Até a astronomia virou filme, com o vídeo *A incrível viagem à Marte* (https://www.youtube.com/watch?v=AAygHbMFqd0&list=PLtJqXbfAJg_NLjKy25Isx1eof96zLbk8&index=34), um *stop motion* feito de massinha de modelar, abordando a cultura de paz e boa convivência ente terráqueos e marcianos.

Vários professores foram convidados e, com boa vontade, compuseram o elenco das produções fílmicas. Até pais de alunos se envolveram nas produções como atores, cedendo, inclusive, casas para que servissem como set de filmagem. Percebemos, assim, que a ação metodológica ultrapassou os limites da sala de aula e da própria escola, tomou as ruas e envolveu a comunidade educacional. O filme vencedor do Festival CURTA um CURTA foi a ficção *De perto... ninguém é normal!* (https://www.youtube.com/watch?v=kd2U1CB7cEg&list=PLtJqXbfAJg_NLjKy25Isx1eof96zLbk8&index=5), que abordou o *bullying* e a formação de valores e atitudes voltados para a garantia dos direitos humanos, do respeito e tolerância para com pessoas de gênero, etnia e identidade sexual diferentes. Também tivemos uma homenagem à nossa escola com o TV Teens (https://www.youtube.com/watch?v=7KJakTb_xU&index=2&list=PLtJqXbfAJg_NLjKy25Isx1eof96zLbk8). Em um estilo telejornal, esse vídeo

mostrou a diversidade de passeios que marcaram o ano 2016, em que nossa escola pública completou 50 anos.

Reflexão

Para além de nossa escola

O projeto acima é passível de ser replicado em qualquer escola brasileira onde o professor se disponha a utilizar dos aparelhos celulares para filmar e editar com seus alunos. O Ministério da Educação, as Secretarias Estaduais de Educação e as próprias escolas criaram condições e hoje as escolas brasileiras de Ensino Fundamental já dispõem de projetores multimídia. Além disso, a falta de uma tela branca e fosca para projeção dos filmes pode ser substituída por uma parede, ou seja, pequenos são os entraves técnicos e de estrutura para desenvolvimento de tal proposta, mas a implantação de um projeto exitoso de audiovisual não é trivial: é importante, para catalisar tal processo e assegurar seu sucesso, que os sistemas de ensino busquem promover, através da formação continuada de professores, cursos e palestras, evidenciando as possibilidades e potencialidades do audiovisual na educação, em especial para a produção de vídeos com e para os alunos. Nesses diálogos, poder-se-ia mostrar projetos exitosos já implantados no Brasil e no mundo, e como viabilizá-los, motivando os professores a também experienciar com seus alunos o uso dessa tecnologia hoje tão acessível quanto importante na sociedade. Enquanto não se tem disciplinas sobre o audiovisual no currículo das licenciaturas e pedagogias, que o professor interessado busque a literatura disponível. Nas referências bibliográficas abaixo, indico livros que poderiam introduzi-lo na linguagem do cinema e dar-lhe segurança para começar. E, ao aplicar a metodologia com seus alunos, perceberá quão frutífero e prazeroso é o processo de utilizar dos celulares como tecnologia de produção audiovisual, e, como eu, sentirá que é um dos caminhos a inovar e promover a Educação Básica no Brasil.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Inácio. Cinema: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995.

BEAL, J. David, Tradução de Aydano Arruda. Super 8 e outras bitolas em ação. Summus Editorial, São Paulo, 1974.

BELÀZS, Béla. in XAVIER, Ismail. (org.). A Experiência do cinema: antologia. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983.

FERRÉS, Joan. Vídeo e Educação. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e Ousadia - O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. Pedagogia do Oprimido. 43. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

MARQUES, Aída. Ideias em movimento: produzindo e realizando filmes no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Filmografia

CHAPLIN. Direção de Richard Attenborough. Reino Unido, 1992.

SANEAMENTO BÁSICO, O FILME. Direção de Jorge Furtado. Brasil, 2007.

A INVENÇÃO DE HUGO CABRET. Direção de Martin Scorsese. Estados Unidos, 2011.